

TEATRO EXTRACURRICULAR: A JORNADA DE DOIS BOLSISTAS NO SURGIMENTO DO GRUPO LEÃO SEM JUBA

JORDANA DO AMARAL PIAS¹, GABRIEL DOS SANTOS FALKENBERG² DIEGO FOGASSI CARVALHO³
MARIA AMÉLIA GIMMLER NETTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – jordanapias2001@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – falkenberg.acad@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – diegofogassicarvalho@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – mamelianetto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta reflexões acerca da vivência teatral no ensino extracurricular de teatro a partir das experiências de acadêmicos do Curso de Teatro Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade.

Focamos esse texto em nossa vivência enquanto estudantes e também professores em formação atuando no ensino extraclasse. Buscamos apontar as particularidades desta modalidade de ensino do teatro e também comparar com o ensino curricular de teatro na escola. Baseados em nossa experiência como participantes do PIBID e como ex-integrantes de grupos teatrais escolares em Pelotas, buscamos salientar a importância que o ensino extracurricular de teatro nas escolas tem para a sociedade, fato que nos faz estar aqui hoje, cursando uma licenciatura em teatro.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Nossa história com o teatro teve início ainda como alunos do ensino básico: Jordana Pias integrou o grupo Teatro Cassiano, enquanto Gabriel Falkenberg participou da Cia Cem Caras de Teatro, coordenados pelos professores e diretores Chico Meirelles e Flávio Dornelles, respectivamente. Foi dentro de projetos extraclasse como esses que encontramos a prática artística, autoconfiança, desenvolvemos autenticidade e despertamos nosso pensamento crítico. Grupos como esses, de caráter extracurricular, foram essenciais para nossa formação humana e artística. Essa trajetória, inclusive, tornou-se tema central do Trabalho de Conclusão de Curso de Jordana Pias, no curso de Teatro – Licenciatura da UFPel, intitulado “*Teatro Cassiano e suas repercussões na formação humana e no contexto educacional e cultural de Pelotas/RS.*”

Iniciar nossas vidas artísticas em projetos extracurriculares possibilitou uma aprendizagem leve e descontraída, muitas vezes sem percebermos que estávamos aprendendo enquanto jogávamos. Para nós, essa é a magia do teatro extraclasse: a criação de um ambiente para além da sala de aula tradicional e do currículo formal da educação básica, onde a confiança em si e no outro é sempre exercitada. Para que esse ambiente fértil de aprendizado exista, é necessário alguém que consiga olhar para o todo e guiar os alunos para que possam atingir seus potenciais máximos. Ao longo dos quatro anos dedicados à graduação, estivemos por dois anos como bolsistas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID). Durante esse período, tivemos experiências ministrando aulas em escolas e, mais recentemente, retornamos ao universo do teatro extracurricular

ao integrar o grupo coordenado pelo professor Diego Fogassi Carvalho, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio, na Vila Pestano, bairro Três Vendas, em Pelotas/RS.

O grupo idealizado pelo professor Diego chama-se **Leão sem Juba**, nome criado em conjunto com os alunos, e que, atualmente, conta com 30 estudantes. Os encontros acontecem todas às quartas-feiras, das 15h45 às 17h45. A seleção para participação considera critérios como a frequência escolar, e já há fila de espera para novos participantes. O professor afirma que gostaria de atender mais estudantes, mas equilibrar o tempo entre aulas curriculares e o grupo do contraturno, ao qual se dedica com afinco, torna-se desafiador devido às diversas demandas escolares. Essa alta procura demonstra a valorização que os estudantes atribuem ao ensino de teatro na escola.

Como bolsistas e professores em formação atuando nesse projeto, voltamos nosso olhar para nossas próprias experiências com o teatro. Para Jordana, essa vivência aconteceu há doze anos, ainda no ensino fundamental. Ao iniciar a sua participação nas aulas de teatro da escola Francisco Caruccio, Jordana sentiu uma intensa descarga de adrenalina e endorfina: memórias afetivas retornaram com força ao ver um grupo de alunos dedicados, que abrem mão do turno da tarde, que poderia ser de descanso, para estarem novamente na escola, brincando, improvisando, se expressando, se descobrindo e, sobretudo, fazendo teatro.

Para Gabriel Falkenberg, a experiência com teatro extracurricular é mais recente, tendo começado há sete anos, no ensino médio. Já no primeiro contato com o projeto Leão Sem Juba, foi possível perceber uma diferença fundamental entre o ensino extracurricular e o ensino curricular de teatro: a ausência da pressão por notas e aprovação ao fim do ano letivo. O desejo dos alunos em participar e fazer teatro é genuíno, e isso nos motiva, como professores em formação, a planejar e realizar as aulas com entusiasmo. Além disso, o apreço que os participantes demonstram pelo projeto também repercute positivamente no engajamento nas atividades curriculares.

Ao longo das atividades no grupo Leão sem Juba, percebemos o grande potencial dos estudantes no fazer teatral: dedicação, sensibilidade em cena, forte expressão corporal, boa desenvoltura na fala, tino para o improviso, imaginação fértil, entre outras qualidades. Muitas vezes, talentos como esses poderiam permanecer escondidos, mas o ambiente e a condução das aulas de teatro possibilitam que cada um se sinta à vontade para explorar essas potências. Nossa papel como condutores é valorizar o que há de melhor em cada aluno, exaltando sempre que possível as peculiaridades de cada um. Além disso, nosso trabalho é relevante para a comunidade, pois cria um espaço onde esses estudantes podem se expressar, criar e imaginar, sem medo ou julgamento.

O reconhecimento da relevância do teatro na educação não acontece por acaso. Como afirma Adenildo Pereira Guedes: “*A arte em si possibilita o desenvolvimento da criatividade, da comunicação, da ampliação de visão de mundo e de todo crescimento global do aluno, principalmente no que diz respeito aos aspectos cognitivos, afetivos e sociais.*” (Guedes, 2022, p. 2).

A trajetória de valorização do ensino de teatro já tem uma longa história em nosso país. A professora Olga Reverbel, referência no ensino teatral no Brasil, iniciou sua trajetória dando aulas no curso de formação de professores do Instituto de Educação General Flores da Cunha, em 1939. Inicialmente oferecida como disciplina optativa, suas aulas logo ganharam destaque. Em 1940, o aumento nas inscrições levou à inclusão oficial do teatro no currículo do curso

normal, uma iniciativa pioneira no Brasil que antecipa, de forma significativa, a inserção das artes no ambiente escolar (configurada como lei somente em 1971, na Reforma do Ensino, conforme verbete publicado na Encyclopédia Itaú Cultural (2025)). Desta forma, o reconhecimento da relevância do teatro na educação não acontece por acaso. Como afirma Adenildo Pereira Guedes: “*A arte em si possibilita o desenvolvimento da criatividade, da comunicação, da ampliação de visão de mundo e de todo crescimento global do aluno, principalmente no que diz respeito aos aspectos cognitivos, afetivos e sociais.*” (Guedes, 2022, p. 2).

A partir dessa trajetória histórica, percebemos que a consolidação do ensino de Arte na escola passou por diversas etapas. Nossa caminhada nesse campo, como estudantes e agora como educadores em formação, tem como marco legal o dia **20 de dezembro de 1996**, com a promulgação da **Lei nº 9.394**, a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**, que reconheceu oficialmente o ensino da Arte como componente obrigatório da Educação Básica. Contudo, o **Teatro ainda não possuía um espaço próprio dentro do currículo escolar**. Essa lacuna só foi preenchida com a promulgação da **Lei nº 13.278, de 2016**, que alterou o artigo 26 da LDB, estabelecendo que o ensino de Arte passasse a contemplar formalmente suas quatro linguagens: **Artes Visuais, Dança, Música e Teatro**. Esse foi um avanço fundamental para o reconhecimento do teatro como linguagem autônoma dentro do currículo escolar. Dito isso, afirmamos que o ensino de teatro, seja no currículo regular ou no período extracurricular, já representa por si só um avanço, cada modalidade com seus impactos, características e relevância própria.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se pensarmos no contexto curricular, estamos falando de aulas de teatro com duração média de 45 minutos, em turmas geralmente mais cheias e com uma diversidade maior de estudantes, incluindo aqueles que se interessam pelo teatro e também os que não têm tanta afinidade com a linguagem artística. Ainda assim, essa inserção da aula de teatro no currículo escolar garante aos estudantes os seus primeiros contatos com o fazer teatral para todos, democratizando o acesso à arte. Por outro lado, o teatro no contraturno, ou seja, no formato extracurricular, é composto por estudantes que, de alguma forma, fazem um esforço consciente para estar ali. Muitos abrem mão de seu tempo livre para retornar à escola e dedicar-se ao fazer teatral. Esses alunos se envolvem porque gostam da arte, e por algum motivo (particular a cada um) sentem-se motivados a permanecer. Esse tipo de dedicação voluntária cria um ambiente muito potente para o aprendizado, onde o vínculo com a atividade é, geralmente, mais afetivo e espontâneo.

Essa é a magia e a potência da aula de teatro oferecida no contraturno, na escola pública: lidamos com estudantes que buscam se descobrir por meio da arte. Alguns poderiam estar em práticas esportivas, como luta ou futebol, mas escolhem o teatro. Outros enfrentam dificuldades pessoais, seja em casa ou na escola, e encontram nesse grupo um espaço de acolhimento, escuta e liberdade de expressão. Esse também foi o nosso caso quando éramos estudantes do ensino básico em escolas públicas de Pelotas, por isso seguimos acreditando no poder transformador do teatro extracurricular, especialmente como forma de potencializar o teatro curricular e a formação humana dos estudantes.

Reconhecer a importância do oferecimento de aulas de teatro no contraturno escolar, por meio de projetos extracurriculares e da presença de

professores qualificados nas escolas, não descarta a necessidade do oferecimento das aulas de teatro curriculares nas escolas. Uma prática complementa a outra na formação artística e humana dos estudantes. Pois, afinal, se não houvessem os 45 minutos de aula obrigatória de teatro no currículo escolar, como esses estudantes teriam conhecido, despertado seu interesse e descoberto o que é, de fato, fazer teatro?

Ao acompanhar e participar das aulas com o professor Diego, testemunhamos uma relação saudável e respeitosa entre professor e alunos, uma comunicação que flui como entre amigos, com a presença clara de respeito mútuo. Isso se estende a nós, pibidianos envolvidos, com todos os participantes do projeto nos acolhendo desde o primeiro dia. Desde o primeiro contato com o grupo conseguimos notar a sede de aprendizado e a escuta atenta às nossas avaliações. E assim percebemos nosso aperfeiçoamento como professores de teatro.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Proposta Pedagógica do Programa Escola Aberta**. MEC, 2007.

GUEDES, Adenildo Pereira. As contribuições do teatro para educação no contexto do ensino fundamental. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 7, n. 6, p. 199–210, jun. 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/teatro-para-educacao>. Acesso em: 9 ago. 2025.

REVERBEL, Olga. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/38641-olga-reverbel>. Acesso em: 28 de agosto de 2025. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7